

10 réis — Lisboa e provincias — 10 réis

Anno 2.º 3.ª Serie—N.º 52

Semanario de Caricaturas

EDITOR

Illydio Analyde da Costa

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa da Trindade, 12, 2.º

LYTHOGRAPHIA MATTA

Rua da Magdalena

Marselheza

Caricaturas de

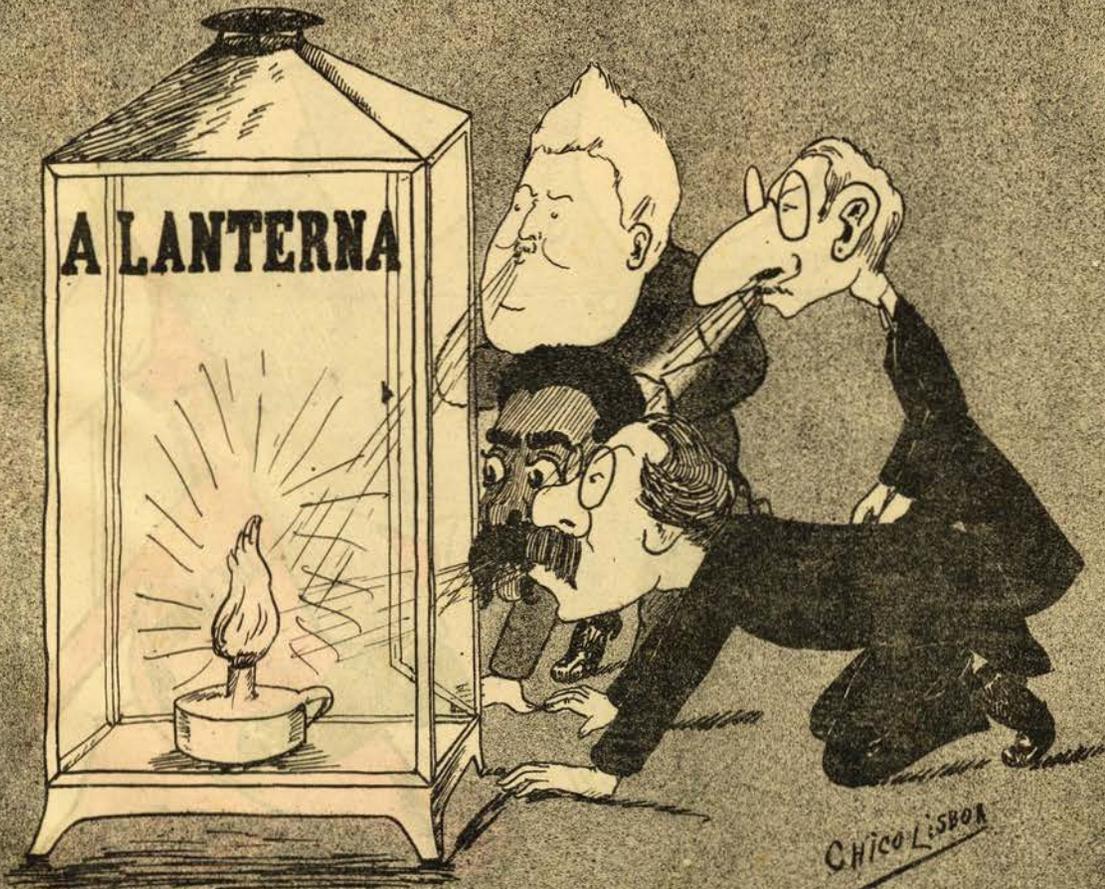
CHICO LISBOA

Desenhos de

TRINDADE CORREIA

LISBOA, 13 DE NOVEMBRO DE 1898

Uma "Lanterna" recalcitrante



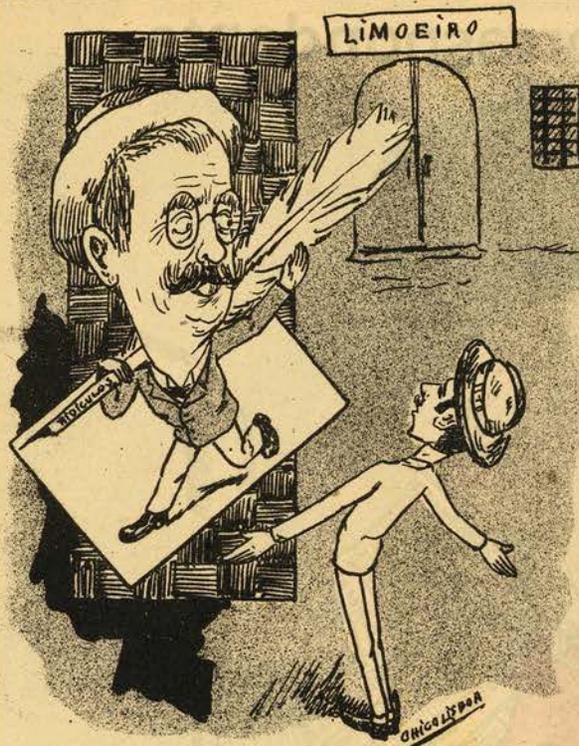
E curioso que quando mais a assopram, mais luz ella dá!

OS LIBERAES

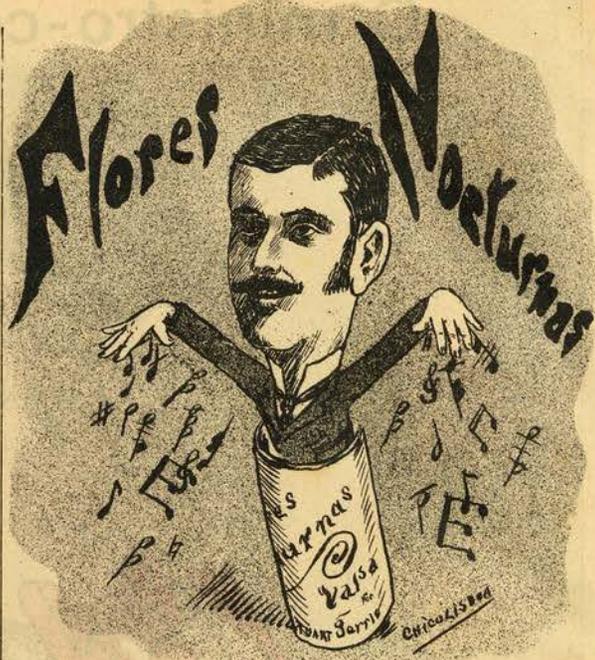
(As perseguições á LANTERNA)



— Ande lá para «diente»!



Pois que transtornos independentes da minha vontade não me deixaram meia hora livre para visitar, no Limoeiro, o meu collega «Zaraguetta», seja-me licito apresentar aqui, ao ex-hospede do palacio do Conde de Andeiro, os meus cumprimentos e a expressão da minha solidariedade.



Stuart Torrie, walsista chronico, farto de dar á perna ao som das walsas dos outros, arranjou agora obra sua, que por certo vae fazer as delicias de todos os luso-walsistas.

Flores nocturnas — se chama a producção do nosso amigo, que a fez acompanhar de um bello soneto, expressamente escripto por Gomes Leal.

Muito obrigados pela gentileza da offerta.

E' sabido que o governo, na furia de arrumar tudo quanto cheira a «Lanterna» na commoda do Limoeiro, chegou á perfeição de guardar toda a redacção na gaveta d'aquella, á excepção do director que, apezar de livre, diga-se de passagem não foi tambem feliz, visto haver quem affirme que elle está comendo em Hespanha o pão que o diabo amassou.



Portanto, não havendo cá por fóra quem tomasse a cargo a parte activa da gazeta, a não ser o sr. José d'Alpoim, que, consultado, agradeceu commovido, mas não acceitou,



lembrou-se ainda Chagas do nome aureolado do sr. Beirão, rasgado democrata, e que aqui á franquezinha, na colligação fez uma perninha de alto lá com ella.

Tambem a tal convite se exiniu s. ex.ª, dando por desculpa a «nariguite» aguda que o traz achacado ha tempos,



resultante do farejar na hydra, cuja bicha, oxalá que não, mas mais dia menos dia «papa» o conselheiro.



Uh! papão, que é de arrepiar as carnes! Assim, deserta a redacção, completamente ás moscas, parecia ter findado o demo d'«A Lanterna». Mas eis que França Borges, preenhe de talento, sacca da «trapeira» genial idéa!

«Essa lamparina que eu tanto adoro, e por quem estou padecendo mil tormentos sem fim, ha-de acabar? Oh! não, mil vezes não! Não morrerá ás mãos de gente vil!»

N'isto, sacca da penna e papel, e, em carta delicada investé no logar de redactor a unica, a derradeira creatura que havia ainda em casa, e que nem o governo, nem o Fagulha, nem o juiz Veiga tinham dado ainda com ella.



O gato da casa! O gato maltez, gloria e lustre das felinas gerações vindouras.

E cil-o lepidio, contente, feliz, de rabo embandeirado, em caminho triumphante do Limoeiro, a receber ordens do collega da redacção.

Um delirio!



Comprou farpella, deitou monoculo, vestiu-se de janota e cheio de «aplomb», de graça, mette gosto vél-o passear na rua, ou com a delicadeza dos melhores espiritos receber na redacção, clero, nobreza e povo.



D'esta forma feliz completou-se o quadro do jornal. «A Lanterna segue ávante, com um clarão enorme, a fazer luz em todos os desmandos que vão por esse mundo de Christo, com tanta força e energia que causa assombro a quem a vê, até que se não lembrem de metter na cadeia a ultima creatura que resta d'«A Lanterna», o gato maltez, o gato redactor.